

cia duma primeira queda, que pesa como uma maldição sobre a raça inteira.

Assim é que, novamente, resta apenas o recurso do esconjuro mágico: pelos sacrifícios expiatórios o homem concilia a indulgência do Deus, que teria de punir se quisesse julgar com toda a justiça. Pois, carregado do pecado original, só pode esperar uma sentença condenatória da Justiça Divina.

Vêde como, em face do Deus Justo, a consciência, trêmula do medo da culpa desconhecida, brada ao céu de maneira comovedora num salmo babilônico da expiação: "Os pecados que cometi, não os conheço; O crime que perpetréi, não o conheço; — O proibido, de que comi, não o conheço; — O impuro, no qual pisei, não o conheço; — Assim, perdoa os meus pecados, Deus que conheço e que não conheço; — Mesmo se meus pecados fôrem sete vezes sete".

E' nesta disposição de espírito que os profetas judaicos se levantam e conclamam à penitência: "Atirai longe de vós todos os vossos crimes, pelos quais pecastes!" adverte Ezequiel. "Componde-vos um novo coração e um novo espírito!" Jonas percorre a populosa Nínive prégando a penitência, e anuncia: "Ainda quarenta dias, e Nínive desaparecerá!" Sua dura palavra profética arremessa a cidade orgulhosa num turbilhão de penitência, ao qual são arrastados os próprios animais sem inteligência: "Então a gente de Nínive acreditou em Deus e mandou apregoar que todos tinham de jejuar. Todos, grandes e pequenos, vestiram sacos. Tendo isso chegado ao conhecimento do rei de Nínive, ergueu-se êle do seu trono, tirou o seu manto purpúreo, cobriu-se com um saco, sentou-se na cinza e por decreto mandou proclamar em Nínive o seguinte: que nem homens, nem animais, nem bois, nem carneiros comam coisa alguma, nem andem pastando, nem bebam água! Que uns e outros, homens e animais, se cubram com sacos e implorem a Deus, soltando gritos lancinantes. Que cada qual se afaste de seti caminho e das ações violentas praticadas por suas mãos!"

No meio da população culta e alegre das cidades gregas da Sicília, aparece o filósofo Pitágoras, que convida os moradores de Crotona, sua cidade natal, à penitência. Enquanto os habitantes da cidade vizinha de Sibaris se gabam de seus suntuosos banquetes, distinguem seus cozinheiros mais peritos com coroas de ouro, e aproveitam até o serviço militar para ostentar o fausto de sua indumentária de côres berrantes, a pompa de suas armas e de sua música, Pitágoras logra que em Crotona as mulheres façam oferenda, no altar do templo de Juno, de seus vestidos luxuosos e de suas jóias de ouro. Os homens, por sua vez, tomam severas medidas contra o luxo e a dissolução. Crotona penitente não tarda a fazer guerra à cidade efeminada de Sibaris, conquista-a e, como castigo à sua leviandade, fá-la desaparecer para sempre.

Quando se começa a prègar o novo evangelho da Palestina, encontramos o "prègador do deserto" na sua roupa grosseira de lã de

camelo, cingidos os quadrís por uma cinta de couro. Quando, à margem do Jordão, soa assim a voz de S. João Batista, a cidade de Jerusalém sai-lhe ao encontro, e todo o país da Judéia e todos os países às margens do Jordão." Fariseus e saduceus, soldados do Herodes Antipas, publicanos e prostitutas, as classes mais diversas encontram-se no vale do Jordão, unidas pelo sentimento profundo da culpa original da humanidade e pelo ardente desejo de penitência. Assim, o mesmo temor que determina o cerimonial dos ritos-tabús também penetra essas culturas que, a tanto custo, chegaram à concepção duma Divindade justa. Até mesmo esta equidade toma, por vezes, as formas mais horríveis. Dir-se-ia que o pesadelo primitivo da humanidade engendrou aquela raça maldita das Erínias, que, com sua cabeleira de serpentes, gritos apavorantes e archote aceso, perseguem o criminoso. A elas também o mito grego atribue a missão de "descobrir todas as culpas dos homens" e de persegui-los até o fundo do Tártaro.

À medida que o Deus perde seu rude conspecto sanguinário, para se tornar justo, humano e por último até benigno, impõe-se todavia à nossa mente a idéia de que os acontecimentos da vida real não condizem absolutamente com a suposição de que tudo é dirigido por uma justiça universal ou por uma providência divina. A fé num Deus justo e bom suscita inelutavelmente a crença num segundo poder antidivino, culpado de todas as imperfeições e de todos os males que existem no mundo.

Nasce destarte uma concepção dualística do mundo, como na doutrina de Zoroastro, na qual ela aparece na sua forma mais pura. Conforme esta doutrina, tudo o que sucede na terra é determinado pela luta dum demônio bom e dum mau, de igual poder; no decorrer dessa luta, uma dessas duas forças contraria sempre os planos e as obras da outra.

Tudo o que a tanto custo fôra banido do mundo dos deuses antropomórficos volta a exercer o seu domínio sob a forma dêste antagonismo diabólico. Mal tem a consciência pensado num mundo livre da angústia e governado por um Deus bom, e logo é êste invadido por novas e horrendas visões, escapadas dos abismos do Medo primitivo. Contra o Deus da luz, Ormuz, levanta-se Ahriman, o soberano das trevas. Ao Jeová, que se tornou justo, opõe-se Satanaz, espírito da destruição.

Idêntico processo opera-se nas religiões e nas civilizações mais diferentes. Debaixo de todos os Céus, abrem-se as fauces ameaçadoras dos Infernos.

Uma horrenda "moradia das trevas" esconde-se por debaixo de Babilônia. Ali os espíritos dos mortos, "providos de asas, à maneira dos morcegos e das corujas", alimentam-se com o pó da terra. O inferno dos hindus, Jajnas, tem sete andares de profundidade; o dos brâmanes tem quarenta e nove; o inferno budístico abrange dez divisões. Por toda parte, as almas danadas levam uma existência de indizíveis torturas sob a claridade infernal em regiões ora ardentes, ora